

CARTA AOS ATORES de Valère Novarina. Tradução de Ângela Leite Lopes

Para atores pneumáticos. Respirem, pulmoneiem! Pulmonear não é deslocar o ar, gritar, inflar, mas pelo contrário, conseguir uma verdadeira economia respiratória, usar todo o ar que se inspira, gastá-lo todo antes de se inspirar de novo, ir até o fim do fôlego, até a constrição da asfixia final do ponto, do ponto da frase. (...)

Boca, ânus. Esfíncter. Músculos redondos que fecham nosso tubo. A abertura e o fecho da palavra. Ataque certo (dos dentes, dos lábios, da boca musculosa), final certo (ar cortado). Parada certa. Mastigar e comer o texto. O espectador cego deve ouvir a mordida e a deglutição, se perguntar o que está sendo comido ali, no palco. Quê que eles comem? Eles se comem? Mastigar ou engolir. Mastigação, sucção, deglutição. Pedacos de texto devem ser mordidos, maldosamente atacados pelos comedores (lábios, dentes); outros pedacos devem ser logo tragados, deglutidos, engolidos, aspirados, absorvidos. Coma, trague, coma, mastigue, pulmoneie de um só trago. Vá, mastigue, triture, canibal! Ai, ai!... Boa parte do texto deve jorrar num sopro só, sem retomada de fôlego, usando-o até o fim. Gastando tudo. Nada de guardar umas reservinhas, nada de ter medo de perder o fôlego. Parece que é assim que se consegue achar o ritmo, as diversas respirações, atirando-se em queda livre. Nada de cortar tudo, recortar tudo em fatias inteligentes, em fatias inteligíveis – (...) nada de recortar seu texto qual salame, acentuar certas palavras, carregá-las de intenções, reproduzindo em suma o exercício de segmentação da palavra que se aprende na escola: frase recortada em sujeito-verbo-predicado, o jogo consistindo apenas em procurar a palavra chave, em sublinhar um membro da frase pra mostrar que se é um ótimo aluno inteligente – enquanto que, enquanto que, enquanto que, a palavra forma antes alguma coisa parecida com um tubo de ar, um cano de esfíncter, uma coluna com descargas irregulares, espasmos, comportas, ondas cortadas, escapamento, pressão.

Onde fica o coração? Será que é o coração que bombeia, faz tudo isso circular?... O coração de tudo isso está no fundo do ventre, nos músculos do ventre. São esses mesmos músculos do ventre que, comprimindo as tripas ou os pulmões, servem para defecar ou acentuar a palavra. Não adianta bancar o inteligente, tem é que botar os ventres, os dentes, as mandíbulas pra trabalhar. (...)

O quê, o quê, o quê? Por que se é ator, hein? Só é ator quem não consegue se habituar a viver no corpo imposto, no sexo imposto. Cada corpo de ator é uma ameaça a ser levada a sério para a ordem ditada ao corpo, para o estado sexuado; e se um dia a gente está no teatro, é porque tem algo que a gente não suporta. Existe em cada ator algo como um corpo novo que quer falar. (...)

Todo teatro, qualquer teatro age sempre e com muita força sobre os cérebros, abala ou perpetua o sistema dominante. Eu quero que minhas percepções mudem com o teatro. O fim do sistema urge. Tem que urgir! Urge que se coloque um fim, que comece a queda do sistema de reprodução vigente.

O que isso quer dizer? Quer dizer que os que dominam, minha senhora, têm sempre interesse em fazer a matéria desaparecer, em suprimir o corpo, o suporte, o lugar de onde se fala, em fazer crer que as palavras caem diretamente do céu para dentro do cérebro, que são pensamentos que se exprimem e não corpos. (...) Os dominadores passam boa parte de seu tempo zelando para que o homem seja reproduzido asseadamente. É para abafar o barulho dos corpos, por onde sobe aquilo que vai derrubá-los. (...)

Na frente, os Empregados, suicidas, gozam. Não têm nenhum medo da morte, só desejam isso. Eles sabem muito bem o que é o ânus, só sabem isso. E aprendem a falar com ele, começam a falar com ele... Estão sob o efeito do eletrochoque, recebendo

descargas. Algo que lhes vem de fora, que os faz mudar de ritmo, de pensamento. Algo de pulsivo. Que os empurra. Descargas, palavras zebradas, fulguradas de fora pra dentro, a eletricidade que recebem os empurra. Eles não desenvolvem nada, não têm nenhum relato, nenhum discurso, nada pra dizer; (...)

Os empregados não têm corpo próprio, sopro próprio, palavra própria. (...) Ai, ai! Empregados dos ventres, pregos amestrados, eles falam do ventre, músculo de baixo.

(...) Os empregados ventríloquos... (...) Coragem! Muito bem.

[Vamos desmontar a mecânica social e mostrar principalmente as doenças!]

O teatro é um estrume rico. (...)